



ARIEL FERREIRA. ATÉ AQUI, 2019.

INSTALAÇÃO *SITE SPECIFIC*, PINTURA COM TINTA DE TERRA E ROCHAS,
MEMORIAL MINAS GERAIS VALE, PRAÇA DA LIBERDADE, BELO HORIZONTE.
FOTOGRAFIA: NETUN LIMA

FRAGMENTOS SEVERINOS

FERNANDO ANTÔNIO DE MÉLO*

MARIA FERNANDA SALCEDO REPOLÊS *

ANDRÉ LUIZ FREITAS DIAS*

As histórias que contaremos
Não são vistas nem ouvidas
Mas o cordel, voz do povo
Tem uma coragem atrevida
Não deixa que o esquecimento
Aja de forma indevida

Afinal não há história
Que não deixe uma lição
Por mais triste que ela seja
Provoca a nossa razão
Mostrando que a injustiça
Quer dominar a nação

Sei que as musas da poesia
Quando vêm nos visitar
Tem algo pra nos dizer
E com beleza sangrar
Isso fez de Natalina
Uma mãe de admirar

* Professorxs-extensionistas e Coordenadorxs do Programa Polos de Cidadania da UFMG.

Vivia com seus dois filhos
Num sítio bem arrumado
Misturando flor e fruta
E seis cabeças de gado
Peru, pato e galinha
Com ovo grande danado

Vivia na santa paz
Dormindo na sua cama
Quando escutou um estrondo
Terra tremendo e em chamas
E o tremor não tinha hora
Mudou todo o panorama

Seus dois filhos queridos
Já nasceram perturbados
Mas mãe dominava tudo
Não quer filhos insultados
Criou logo uma terapia
Que os deixava ocupados

Pensou no que eles gostavam
E viu que era plantar
Fez um jardim para os dois
Deu flores pra semear
Eles escolheram rosas
Pra colorir e ofertar

Ela acordava com o canto
Do galo de estimação
O batizou de Prequeté
E tinha toda razão
Era um despertador de penas
Desses de importação

Acostumado com o galo
Com o estrondo se assustava
Parecia dinamite
Que de verdade rachava
Seu barulho era tão forte
Que o riacho secava

O que será que é aquilo
Que acabou com a paz?
Rachando ovo no ninho
De forma plena e sagaz
Descobriu que era uma mina
Com engenheiro e capataz

Se juntou com os vizinhos
E foram firmes atrás
Pra cobrar os malefícios
Que a mina a todos traz
Só eles ganham dinheiro

De uma forma perspicaz
Um engenheiro dotô
Foi a todos explicando
Que o preço do progresso
Também vai prejudicando
Mas o lucro que ele traz
Vocês acabam gostando!

A poesia tem o dom
De mudar qualquer destino
Seja de homem ou mulher
De velho, moça ou menino
Seja de alegria ou dor
Seja triste ou divino

Vim há tempos do nordeste
A pedido de Severino
Em busca de um trabalho
Mesmo sendo bem franzino
Me ensinou a dirigir
Aprendi logo e sorrindo

Ele era motorista
De um grande chefe da mina
Só usava paletó preto
E muita camisa fina
E escutava as conversas
Misteriosa rotina

O nordestino é assim
Só trabalha com receio
Debaixo de sol ou chuva
Até com a morte no meio
Labuta com o sol queimando
Não importa o tempo feio

O que magoa é a seca
Expulsando ele do norte
Espalhando os guerreiros
Que tentam fugir da morte
Buscando água e fartura

Como bicho dos mais fortes
Por isso seja no Sul
Na mina ou em construção
Vai ter sempre um nordestino
Reconstruindo a nação
Povo bom, trabalhador
Sem preguiça ou confusão

E no meio desse povo
Vem escultor e poeta
Vem pintor, malabarista
Vem benzedor e profeta
Eu mesmo sou cordelista
Traço com versos minha meta

Mas trabalhando na mina
A ninguém eu quis mostrar
Esse cordel que eu fiz
Da lama, a morte e o azar
Dos sonhos que eu perdi
E não posso recuperar

Minha amiga Natalina estava
Prenunciando o desastre
Pois escrevi e escondi
Num móvel velho, num traste
Que era do meu irmão
E a lama levou no alastre

Provando mais uma vez
Que o poeta é um visionário
Seja pro mal ou pro bem
É oculto seu calendário
E agora embaixo da lama
Escrevo em versos um diário

E trabalhando na mina
Conheci muito brasileiro
Gente de todo lugar
Sonhos do mundo inteiro
Cada sonho era um delírio

De ideal severineiro
E entre essas pessoas
Sonhadoras como eu
Querendo juntar dinheiro
Com suor e fé em Deus
Todos querendo voltar
Pro lugar onde nasceu

Na verdade, eu tentei
Vender meus cordéis na feira
Mas a seca atormentava
Como fez a vida inteira
A miséria é muito ruim
Mas sem água é matadeira

Vejam bem que ironia
Cansei de Severinar
E na caixa d'água do Brasil
Eu pensei em acertar
Nunca mais morrer de sede
Nem meu roçado secar

Mal sabia que meu sonho
Que muito tempo durou
Iria tornar-se lama
A água limpa sujou
E a lama carregou tudo
Num desastre aterrador

Causado pela ganancia
Que a riqueza aumentou
Da água usada na miséria
Só a sujeira restou
Transformando em mar de lama
Tudo o que a gente sonhou

Nunca pensei que a morte
Tivesse tanto poder
Se juntando com empresas
Que eram fortes pra valer
Comprando outras mais fracas

Para mais enriquecer
Mesmo que para isso
Destruísse a natureza
Fizesse o homem sofrer
Se esquecendo da beleza
E no final usando a lavra
Que produziu a riqueza

Foi aí que eu conheci
Uma alma pura e linda
Mãe de filhos aluados
Chamava-se Natalina
Que cuidava do seu sítio
Até aparecer a mina

Tentou empregar os dois
Mesmo sendo prejudicada
Pelas explosões da mina
Que até riacho secava
Mas não passaram no teste
Pois o juízo atrapalhava

Dona Natalina foi e é
Uma grande benzedeira
E tinha premonições
Sempre das mais certas
Os vizinhos a consultavam
Foi assim a vida inteira

Tinha sonhos esquisitos
Que a ela mesmo assustava
E as vezes me benzia
Em segredo me contava
Eu pedia proteção
Pra mina que eu trabalhava

Prometo que mais na frente
Se for grande a necessidade
Eu contarei previsões
Que assustada me contava
Creio nas premonições
Dos sonhos que ela sonhava
Como nas rosas bonitas
Que os seus filhos plantavam
Coisas que só as mães
Intuindo aconselhavam
Tentando curar os filhos
Que no sítio lhe ajudavam

De vez em quando eu passava
Pra tomar um cafezinho
Nesse dia eu a flagrei
Num choro cheio de espinho
Iria entregar seu sítio
Dar adeus a seu cantinho

E chorando me abraçou
Contou um sonho apavorante
Faltavam apenas dois meses
Para um desastre gigante
E que os doutores já sabiam
Desse crime bem chocante

Pedi-lhe a benção assustado
Fui me embora trabalhar
Mas o sonho o tempo inteiro
Voltava a me assustar
Será que alguém sabia
Que a barragem ia estourar?

Ele caiu na bobagem
De contar pra seu irmão
O sonho de Natalina
E sua premonição:
Você largue de ser bobo
É real essa lição

Vamos nos prevenir
Concerte bem seu trator
Evite entrar na barragem
Finja dano no motor
Verifique as rachaduras
Não brinque de amador
Eu escutei no escritório
O que podia acontecer
Sou motorista do chefe
Que finge nada saber
Tudo o que aprendi e ouvi
Tentei passar pra você

Esqueça que é nordestino
Fique esperto nesse lugar
Ninguém tem dó de ninguém
Todos querem faturar
Não importa a quem afete
Ou se a natureza matar

Aprendi logo a lição
Só quis dinheiro juntar
Cada palavra dos Chefes
Eu queria mastigar
Pois rico não perde guerra
O negócio é acumular

Percebi que meu irmão
Era um mestre da ignorância
Já estava contaminado
Por sua voraz ganância
Pois dinheiro ganho assim
Só aumenta a arrogância

Pois nunca vi um caixão
Com quatro ou cinco gavetas
Daqui não se leva nada
Só choro e muita careta
Principalmente o avarento
Que adora mamar nas tetas

Sinceramente esse regime
Que chamam Capitalista
Só serve para destruir
Nossos sonhos idealistas
E a sua religião
É a mais fundamentalista
Eu estava com meu trator
Carregando o rejeito
Quando vi a rachadura
Na altura do meu peito
Foi aí que eu percebi
Que não havia mais jeito

A desgraça estava pronta
Orquestrada pela Morte
A lama cobria tudo
Nem carecia de corte
Pois o desastre fatal
Levou tudo, até a sorte

A notícia se espalhou
Por rede, rádio e televisão
Eram imagens terríveis
De cortar o coração
Todos achavam um crime
Aquela cruel visão

Fragmentos de histórias
Memórias e sonhos roubados
E ver famílias inteiras
Com os laços dilacerados
E com a força da AVABRUM
Foram de novo juntados

Meu irmão sobreviveu
Para mudar essa história
Mexeu tanto com sua alma
Que alterou sua trajetória
Sufocando sua ganância
O luto virou vitória

Para todos que combatem
danos da mineração
Nas águas e serras de Minas
Teca Corujo é inspiração
Tive a sorte de conhece-la
Foi a minha emancipação
Essa senhora distinta
Pegou-me um dia escrevendo
Ficou entusiasmada
E foi logo intercedendo
Tirou cópia de um cordel
E para o povo foi lendo

Eu fiquei envergonhado
Por ter sido descoberto
Um tratorista poeta
Com a alma e o peito aberto
Escondendo seu talento
Um desperdício decerto

Foi aí que eu me lembrei
Da cópia que a senhora
Por paixão tinha tirado
E senti naquela hora
Que estava eternizado
Sem temor e sem demora

Meu irmão aproveitou
Estava emocionado
Tirou mais de mil cópias
Do meu cordel encantado
Onde a lama não sujou
O poema acalentado

E depois desse desastre
Que a vida me ensinou
Mesmo dentro da lama
A rosa que germinou
Brota bonita e vermelha
Na luta de quem plantou

O jardim de Natalina
Tem rosas vivas, guerreiras
Que juntas também perfumam
São eternas companheiras
Que buscam pela Justiça
Sem conchavos e roubalheiras
Quem passa pela calçada
Sente o cheiro do jardim
Regado por outras águas
Cheiro de rosa e alecrim
Direitos e liberdades
De existências sem fim!

E nessa mesma calçada
Que a todos quer incensar
As sementes de Paulo Freire
Natalina quer plantar
Multiplicar as resistências
Só querendo **esperançar!**¹

¹ Este cordel, escrito prazerosamente a três mãos, é uma prova da dedicação e amor pela linguagem popular do Polos-UFGM, como meio de criar sempre juntos, afinando nossos discursos políticos e estéticos. Como cordelista vocacionado, aí está uma prova ao dividir a minha experiência com o talento e a cultura dos meus colegas, formando um todo orgânico. Fernando Limoeiro.